

AVENTURAS E DESVENTURAS DE UM ESTUDANTE PEÇA TEATRAL DE CARLOS SARNO¹

Da cópia mimeografada de original datilografado (do acervo pessoal de Jurema Valença),
digitada por Carla Menezes, recuperada por César Oliveira Carneiro em 2010
e formatada por Armindo Bião em 2011²

Ouçã com muita atenção
O que vai se passar,
Do mal estudo que temos
É que nós vamos falar

Todo erro está errado
Diz o certo e bom saber
Toda culpa tem culpado
Que é preciso conhecer

Nós vamos assistir
As causas do nosso errado
Que nós vamos descobrir
Denunciando o culpado

Observe como é fácil
A verdade demonstrar
Que essa culpa tem dono
Achado por quem pensar

Coro

A quem nós vamos culpar
Culpado é de sua culpa

A quem nós vamos culpar
Culpado é de sua culpa

Somos poucos e foi difícil
Fazer o que estamos fazendo
Que é mostrar prá vocês
A nossa vida vivendo

Não é um showzinho de bolso
Canções em inglês ou francês
É o que passamos todo dia
E é mesmo em português

Não temos dinheiro nem tempo
Só temos a consciência

¹ Escrita em Salvador BA em 1966 para o Grupo Amador Estudantil da Bahia – GATEB, do Colégio Estadual da Bahia – Central.

² Da versão digitada, integralmente só em letras maiúsculas, com os versos separados por barra oblíqua, nesta nova versão cada verso foi posto em uma linha com apenas a letra inicial maiúscula, conservando-se, quase sempre, a pontuação e grafia, inclusive nas formas e expressões coloquiais, como, por exemplo, “Quando vorta tá dotô/ Só trabaei prá vê isso”, já que foram corrigidos, com autorização do autor, eventuais cochilos da datilografia original ou de sua digitação. As personagens identificadas em gerl por três letras passaram a sê-lo por palavras plenas.

Da nossa situação
Para a todos dar ciência
Nós vamos criticar
Para impor nossa verdade
Verdade necessidade
Que precisa se afirmar

Coro

Porque só vale a verdade
Porque só vale a verdade

Porque só vale a verdade
Porque só vale a verdade

Cena 1

Estudante

Eu sou do interior
Vim do norte da Bahia
Prá aprender no colégio
E tomar sabedoria.

Narrador

Estudante é este
Somos todos um pouco dele
Que vem do interior
Mas ele não é só ele
São todos os estudantes
Que daqui mesmo ou de fora
Vem buscar a esperança
De ter na vida melhora.
Num país analfabeto
Quem sabe ler é um rei
E como quem ri não chora
Quem não estuda, trabalha
Essa é a dura lei.
Mas um grande engano
Todo o mundo se engana
É que o estudo é uma coisa
E o ensino outro fulano.
É prá mostrar como acontece
A vida do estudante,
Essa que levamos,
É que passamos adiante.

Estudante

Na minha cidade tem rio
Tem caçada e pescaria

Tem muito amigo amigão
E bola tem todo o dia
Tem menina como a Célia
Tem cinema e São João
Tem fazenda e minha mãe
Tem todo o ano de férias
Tem seu Pepe o Calunga
Meu mais amigo do peito
Tem pai lá na varanda
E todo o mundo satisfeito.

Pai

Mas num tem colégio não
Não tem ensino que preste
Tem sujeira e tem miséria
Lugar de homem é no leste
Meu filho tem de formar
Quem não se forma não cresce
Quem não cresce empobrece
E num sabe nem falar
Quem já viveu no interior
Sabe o que é viver morrendo
A Bahia é minha esperança
Lá tem colégio e professor
Tem curso de médico e engenheiro
Lá o cabra vai criança
Quando vorta tá dotô.
Só trabaei prá vê isso
Meu filho ir prá capital
Estudar e me dar gosto
Ser dotô e coisa e tal
Prá isso trabalho mais
O dia todo mais a noite
Domingo e feriado
Trabalho igual a um açoite
Nas costas de um condenado
O dinheiro está difícil
Tal qual um fundo de pote
Mas uma coisa garanto
Que é do meu filho o cangote.

Mãe

Seu moço me diga uma coisa
Como se pode viver aqui?
Pela terra tenho muito gosto
Mas meu filho tem que partir.
Pouco importa minha saudade
Nem o meu desgosto tampouco



De ficar com a tua ausência
 E morrer todinha um pouco
 O que importa é a sua vida
 Melhorada para o bem
 Porque eu sei que a minha vida
 Vai com a dele também.
 Eu me largo aqui sozinha
 Mas vou prá lhe proteger
 Andar por onde ele andar
 Ele vai ter de sofrer
 Mas sofreu até Jesus
 Só querendo nos salvar
 Ficará sem ver a gente
 Perderá os companheiros
 Mas um dia ele vai ver
 Que muito bom é dinheiro.
 Prá depois os companheiros
 Que ele estude e se forme
 Que da ciência do dinheiro
 Sabedor ele se torne.
 Eu sou mãe e sei a vida
 Sei o que vale viver
 Meu filho a sua ida
 É coisa que tem que ser.

Estudante

Eu quero ficar aqui
 No meio dos companheiros
 Vivendo onde vivi
 Mesmo sem muito dinheiro
 Também quero ser doutor
 Casar com moça escolhida
 Mas só em Salvador
 Posso ganhar essa vida.
 O meu pai e minha mãe
 É que pode decidir
 Sabedores do melhor
 Se devo ou não, eu partir.

(canção da chegada)

Cena 2

(Faixa escrita "Colégio 1500 – 1966") (Aluno chega desconfiado com uma pilha de papéis na mão, um tipo funcionário escreve sobre uma confusão de papéis)

Estudante Senhor Doutor? Senhor Doutor?

Funcionário Qual é o seu caso?

Estudante É aqui que matricula?

Funcionário Pode ser. Qual é o seu caso?

Estudante Vim matricular.

Funcionário Só amanhã. (black-out)

Estudante Senhor Doutor? Senhor Doutor?

Funcionário Qual é o seu caso?

Estudante É aqui que matricula?

Funcionário É claro!

Estudante Vim matricular, o senhor disse que podia hoje.

Funcionário E "vinhestes" antes?!

Estudante Ontem.

Funcionário E por que não se matriculou!??

Estudante O senhor mandou que viesse hoje.

Funcionário (levanta-se, olha atentamente durante algum tempo para o estudante, anda à sua volta, sacode o pó da roupa, ri e começa um acurado exame observando os menores detalhes do estudante como um exame clínico. Enquanto isto o narrador faz um fundo de estatísticas sobre o estado da educação no Brasil)

Narrador (estatísticas e slogans)

Funcionário (após as estatísticas, sentando-se rapidamente) Seus documentos?

Estudante (acabrunhado, deixa uma pilha enorme de papéis em cima da mesa)

Funcionário (olha os papéis e diz:) Falta documento, volte amanhã. (retira-se)

Estudante (acabrunhado, deixa uma pilha enorme de papéis em cima da mesa)

Funcionário (olha os papéis e diz:) Falta documento, volte amanhã. (retira-se)

Estudante (fica parado durante algum tempo, sozinho) (black-out)

Estudante (cheio de papéis mais desinibido, derrama tudo sobre a mesa do funcionário) Bem está tudo aí.

Funcionário Você é o de ontem?

Estudante Eu sou o de anteontem.

Funcionário (olha atentamente, retira e devolve metade dos papéis) É ali. (aponta para outra escrivaninha onde duas funcionárias batem papo)

Estudante

Senhoras funcionárias

Façam o favor de dizer

Se estão matriculando

Façam o favor de dizer. (continuam conversando)

Senhoras se não incomodo

Podem me esclarecer

Como e de que modo

O que eu tenho que fazer?

Funcionária

Meu filho isso é com lá (aponta para outra funcionária)

Que só resolvo o resolvido

Pergunte ao Bacelar

Que nisso está envolvido.

Estudante

O homem me disse, a moça

É que pode matricular

A moça me disse aqui,

O senhor é Bacelar?

Bacelar

Sim, mas

O senhor está apressado

Meu amigo está errado

Ontem isso foi comigo

Hoje é dele o castigo. (indica o funcionário anterior)

Estudante

Quem me mandou aqui

Foi a quem o senhor me mandou

Se é aqui ou é ali

Me diga logo o senhor.

Funcionário

Sei tanto quanto você

Que não sabe aonde é

De manhã era comigo

Agora é daquela mulher.

Estudante

Mas a mulher já me disse

Que isso não é com lá

Nesse disse não me disse

Acabo sem estudar.

Funcionário

Sei tanto quanto você

Que não sabe aonde é

De manhã era comigo

Agora é de quem quiser.

Estudante

Mas quem quiser não tem nome

E eu quero aonde ir

Afinal existe o homem

A quem me dirigir?

Funcionário

Acho que ele existe

Pelo menos de início

Mas se esconde, se esconde...

Esconder-se é seu ofício.

Estudante

Mas como eu vou saber

Onde ele se encontra?

Funcionário

Mas meu amigo, entenda

Isso não é da minha conta.



Estudante

E é da conta de quem?
Acaso esse quem tem nome?

Funcionário

Eu já disse quem é quem!
É que às vezes ele some.

Estudante

Mas se ele sai deixa alguém
Ocupando seu lugar.

Funcionário

Pode ser, mas eu não sei,
Pergunte ao Bacelar.

Estudante

Quero estudar sem favores
Porque isso é meu direito
Se isso não é com os senhores
Onde está o tal funcionário?

Bacelar

Acho que ele veio
Mas se ele veio não está
Se ele vem eu não bem creio
Em todo caso não está.

Estudante

A matrícula vai fechar
Faz tempo que estou aqui
Estou cheio de andar
E ser mandado por aí.
Resolva logo isso tudo
Tem ou não tem eis a questão,
Se tem vaga pro estudo
Se não tem me diga não.

Bacelar

O senhor é apressado
Pensa que isso é sopa
Há muito que meditar
Ladeira de lado a lado
Há leis em que pensar
Processo e mais processo
Há muito que pesquisar
Entre um e outro recesso
Decretos de outros usos

Que já se usaram aqui
Por outros decretos impedidos
De protocolo sair
Preciso examinar e reexaminar
O esquecido e o lembrado
O meu chefe está estudando
Com interesse o seu caso
Daqui uns dias vai dar
Com certeza o resultado
A Diretrizes e Bases
Exige muita atenção
Não é coisa feita às pressas
É preciso certas fases
Certos saberes na ação
Sou apenas um funcionário
Não fabrico informação
Isso é na sala três
Dos doutores bacharéis
Donos de altos honorários
Todos no grau dezesseis.
Eu sou o ponto miúdo
Do i de burocracia
Informo horas e hábitos
Sou a boca do sisudo
Encarregado do dia
Há vinte anos trabalho
Sem nunca ter trabalhado
O mesmo trabalho aqui,
Nunca me deram obrigado
Em vinte anos a fio
Nunca me deram obrigado
Os estudantes que chegam
Os estudantes que saem
Reclamam sempre de mim
Como se eu fosse o culpado
De ninguém saber de nada
Do ensino ser o fim,
Dos funcionários ocupados
Em conversar entre si,
A culpa não é de cada
É de todos cada um
Mas muito principalmente
Daqueles maiores aqui.
Eu só quero o meu dinheiro
Tão difícil de sair
E obedecer, obedecer,
Obedecer ligeiro
Obedecer, obedecer,

Obedecer obediente
Subserviente, obedecer
Obedecer, obedecer
Obedecer, obedecer / (resmungos)

Estudante

Meu amigo obrigado
Por tudo que me disse
Eu sou do interior
Não sabia que o colégio
Andava desarranjado
Mas de uma coisa o senhor
Errou de acertar
É que não sofre o meu caso
De nenhuma gravidade
Eu quero estudar
Se isso virou assunto
De encontros inteligentes
De quem faz educação
É difícil acreditar
Afim oh meu senhor
Estudar não é matar
Não sou culpado de nada
De tudo estar como está
O meu pai já dizia
Ter colégio é com o governo
Que não faz caridade
Que governa dia a dia
Prá educar o nosso povo
E por isso eu estou na cidade
De Salvador da Bahia
Eu não conheço os maiores
Pois só menores eu vi
Mas só sei que os menores
Já são maiores aqui.
Não me informam com clareza
Saídas dos meus haveres
Pois só me dão certezas
Erradas nos seus saberes
Enrolam e mais enrolam
E dão com raiva mais linha
Assim perco de entrada
Todo o querer que eu tinha
De aprender com carícia
Que o que eu sei não é nada
Assim acabo formado
Em petições de entrada
Acabo muito estudado

Só nas ciências do nada.
Afim qual o proibido
Que se mudou para cá
Que não pode nem a justiça
A minha entrada acordar
Eu só quero pouco e só
O meu direito reclamar
De poder nesse colégio
Público estudar.
Mas como tudo depende
Na certa de um “bom coração”
Por mais direito que eu tenha
Dê por favor a indicação
Do funcionário
Que pode me dar a senha
De uma bondade, a ação
De perdoar-me o abuso
De me querer doutorar
De me querer por em uso
Nas utilidades gerais
Cumprindo o regulamento
Que cumpre cumprir
Referente aos meus direitos
Que me forem conferidos
Pelo processo legal
Para que eu seja aceito
Na aceitação sem votos
Por todo o querer querido
Do amor constitucional
Das leis, parágrafos e decretos.

Bacelar

Meu amigo obrigado
Pelo obrigado que me deu
No meu miúdo fazer
Que só posso sem poder
Pois já estou acostumado
De nos rebanhos gerais
Ser dos homens o funcionário
Que só pode um fazer
Dentro do seu horário
Cumprir e obedecer.
Em todo o caso saindo
Como favor especial
Da minha regra de conduta
Eu lhe digo que
Pelo processo legal
Seu estudo acaba indo



Pela hierarquia dos começos
 Que ninguém acha o final.
 Portanto vá naquele funcionário
 Sentado bem no início
 Da burocracia menor
 Vá e peça com jeito
 Audiência e auxílio
 Do seu importante setor
 De muito sério servir
 Que seu Bacelar pediu
 Para seu caso atenção
 Obrigado pelo obrigado
 Meu jovem pode ir
 Atrás da minha boa ação.

Estudante

Aos meus direitos
 Que me foram conferidos
 Pelo processo legal
 Para que eu seja aceito
 Na aceitação sem votos
 Por todo o querer querido
 Do amor constitucional
 Das leis, parágrafos e decretos. (?)

Estudante

Senhor com muito respeito
 Voltando de voltas dadas
 Por tantas e acumuladas
 Todas numa mesma procura
 Venho sem outro jeito
 Retornando da jura
 Jurada pelo começo
 Que jurou só começar,
 Fazendo pelo sinal
 De nunca finalizar.
 Senhor com muito respeito
 A burocracia é cem por cento
 Um imenso curral
 De arquivos e documentos.
 Matricular é o que importa
 E foi o que eu vim fazer
 Batendo na sua porta
 Prá obter da sua ajuda
 A força do resolver.
 Seu Bacelar acreditando
 No seu grande coração
 Pediu para o meu caso

A sua boa atenção
 O que eu peço, O seu cargo
 Poderoso como um rei
 Resolve só na intervenção
 Resolve como um juiz
 Se distraíndo com a lei.
 O que eu peço o que eu peço
 É que o senhor me deixando
 Nesse colégio estudar
 Satisfaz todo mundo
 Satisfaço estudando
 Que só quero me formar
 O que eu peço o que eu peço
 Há tanto tempo pedido
 É que o senhor me prometa,
 Me prometa, matricular.

Funcionário

Meu filho só é fácil
 O que acabamos de fazer
 Se matricular era seu caso
 Podia logo dizer,
 Mas ficou aborrecendo
 Indo prá lá e prá cá
 Achando e acontecendo
 Que nem bufa de gambá
 Afinal qual é o seu nome
 De sobrenome ninguém?
 Será Francisco, Miguel,
 João ou Manoel?
 É sabido ao estudante
 Só uma coisa garante
 Seu nome e sobrenome
 É ter pai importante.
 O mais meu caro amigo
 Não tem amigo ou inimigo
 É tudo João ninguém
 Que para o meu castigo
 Resolve estudar também
 Por isso eu vou decidir
 Eu funcionário eu burocrata,
 Eu obediente às ordens superiores
 Daqueles maiores aqui
 Eu por minha livre
 E espontânea vontade
 Para onde deves seguir.
 O estudo está difícil
 Está difícil estudar

As vagas não dão prá todos
Que querem matricular
Mas no seu caso atendendo
Ao pedido de Bacelar
Arredo o pé da entrada
E abro meu coração
E digo sem dizer
Que boca não tenho prá isso
Nem dou prá anjo da guarda,
Se achou difícil entrar
Pouca coisa é a entrada
Pois que vem na outra estória
A prova do meu dizer
Que entrar aqui não é nada
Amigo põe na memória.

Narrador

O que ouvimos disse tudo
Já disse o nosso pensar
Mostrou uma situação
Que é preciso acabar
Pois todos nós sabemos
Seja qual seja o estudo
Como é difícil estudar
Neste passado presente
Que acabamos de assistir
Nós todos fomos um pouco
Desse modo de agir.
Mas depois da nossa entrada
O assunto é esquecido
É deixado para os outros
Que nele estão envolvidos.
Estou cursando o meu ano
E conseguindo estudar
O resto que quebre a bunda
Tentando matricular.
Sou apenas um narrador
Conversando essa conversa
Preocupados em passar???!!!
Que esquecemos o resto
Que não pode nem entrar
Somos o que afinal?
Nos preocupamos como os Beatles
Isso é muito atual
Nos preocupamos com as notas,
Vestibular, cinema, amor
O que é muito natural,
Mas com uma coisa devemos

E urgente nos preocupar
É com a nossa situação
Situação dos estudantes
Que precisa melhorar.

Cinco milhões de crianças brasileiras, em idade escolar, não estudam por falta de escolas. De cada cem crianças que se matriculam no curso primário, quarenta e uma chegam ao segundo ano, trinta e uma ao terceiro, vinte e uma ao quarto, e apenas quinze concluem curso. O aproveitamento médio do curso primário no Brasil é de apenas quinze por cento. No Brasil o índice de reprovação é de quarenta por cento.

Narrador

Vamos ver! Vamos ouvir!
Vamos pensando, tentar
Todo erro descobrir.
Procurem participar
Fazendo seu discutir
E não somente escutar
E ficar somente aí.
Agora (nome do ator) vai cantar os nossos direitos
Que só podemos cantá-los
E cantá-los com respeito.

Coro

Para que serem os direitos?
Para que foram eles feitos?

(canção dos direitos inalienáveis)

Estudante

Que direitos eu tenho, senhores?

Coro

Considerar, considerar, considerar. Considerando que o descobrimento e o abandono dos direitos do homem conduziram a atos de barbárie que revoltam a consciência da humanidade, e que o surgimento de um mundo em que os seres humanos sejam livres de falar e de crer, e libertos de terror e da miséria, tem sido proclamado como a mais alta aspiração humana; considerando que na carta das nações unidas aos povos reafirmaram a fé nos direitos fundamentais do homem, na igualdade dos direitos dos homens e das mulheres e se declara-



ram resolvidos a favorecer o progresso social e a instaurar melhores condições de vida e um grau maior de liberdade; A Assembléia Geral proclama: Artigo 1º – Todos Os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direito. São dotados de razão e de consciência, e devem agir uns em face de outros com espírito de fraternidade. Artigo 2º – Toda pessoa tem direito à educação. A educação deve ser gratuita, pelo menos no que concerne ao ensino elementar e fundamental. O ensino elementar é obrigatório. O ensino técnico e profissional deve ser generalizado; o acesso aos estudos superiores deve ser aberto a todos, em plena igualdade, em função das capacidades de cada um.

Estudante

Que direitos eu tenho, senhores? (bis)

Coro

Direito de pensar.

Estudante

Direito que tenho que tive que tanto que tinha que tive que dar. Que direitos eu tenho, senhores? (bis)

Coro

Direito de estudar (falar; rezar) (refrão)

Estudante

Que direitos eu tenho, senhores? (coro e estudante repetem todos os direitos sem o refrão)

Estudante

Você é um bom homem
Concidadão exemplar
Me empreste um direito
Aquele que sobrar.
Que direito eu tenho, senhores?
Que direitos eu tenho, senhores? (bis)

Coro

Aquele Que Sobrar

Todos

Para que servem os direitos
Para que foram eles feitos?

Cena 3

(som de campainhas anunciando aulas)

Narrador

Senhores e senhoras presentes: peço-vos silêncio para ouvirdes solenemente a primeira aula.

Quadro 1º**Estudante**

Hoje três aulas terei
Por três professores mestres
Em saberes que aprenderei.

Coro

Hoje três aulas teremos
Por três professores mestre
Em saberes que aprenderemos.

Estudante

Hoje eu estudante começo
A aprender o bom estudo
Que há muito tempo eu peço.

Coro

Hoje nós estudantes começamos
A aprender o bom estudo
Que há muito tempo esperamos.

Estudante

Hoje é o primeiro dia
O dia que tanto quero
E que em sonhos eu via.

Coro

Hoje é o primeiro dia
O dia que queremos
Que só nos sonhos existia.

Estudante

Hoje eu sou estudante
E estudo estudarei
No ensino confiante.

Coro

Hoje somos estudantes
O estudo estudaremos
No ensino confiantes. (entram os três professores, sentam-se)

1º professor Chamo-me mestre.

2º professor Chamo-me mestre.

3º professor Eu sou uma mestra. (não cumprimenta)

Todos os professores

Todos só ensinamos

A todos só o que preste.

1º professor

Para que um corpo caia no espaço

É necessário que haja espaço.

2º professor

A distância que existe

Entre a lua e a terra,

É aproximadamente a mesma

Que existe entre a terra e a lua.

3º professor

Um professor deve ser

De si mesmo o melhor aluno. (narrador anuncia a primeira aula, estudante desce vagarosamente para a platéia, primeiro professor bastante caracterizado movimenta-se para o proscênio)

1º professor

Meus filhos, sic itur ad astra,

Estudando alcançaremos os astros.

É bom não faltar as minhas aulas,

Que aluno que falta não presta.

Este negócio de moderno,

Não é comigo não.

Comigo é no sabe ou zeros (tosse)

Eu aviso que é prá depois

Não reclamarem.

Hoje em dia não se tem

Mais respeito aos mestres.

Direito tem quem direito anda.

Aluno não estuda nada,

Aluno não faz os trabalhos escolares,

Onde já se viu?

O aluno não vai às aulas,

Onde já se viu?

Aluno não presta atenção a coisa nenhuma,

Onde já se viu!?!?!?

Narrador Cinco milhões de crianças brasileiras em idade escolar não estudam por falta de escolas.

Coro Onde já se viu?

Narrador De cada cem crianças que se matricularam no curso primário, quarenta e uma chegam ao segundo ano, trinta e uma ao terceiro, vinte e uma ao quarto e apenas quinze concluem o curso. O aproveitamento médio do curso primário no Brasil é de apenas quinze por cento.

Coro Onde já se viu?!?!?!?!?

Narrador No Brasil o índice de reprovações é de 40 por cento e de mil estudantes um chega ao curso universitário.

Todos os professores Onde já se viu?

Quadro Nº2

(1º mestre senta-se e o segundo levanta-se)

2º professor

Sou uma sombra! Venho de outras eras

Do cosmopolitismo das moneras...

Pólipo das recônditas reentrâncias

Larva de caos telúrico procedo.

Da escuridão do cósmico segredo.

Da substância de todas as substâncias!

Eu, filho do carbono e do amoníaco,

Monstro de escuridão e rutilâncias,

Sofro desde a epigênese da infância,

A influência má dos signos do zodíaco.

Profundissimamente hipocondríaco,

Este ambiente me causa repugnância...

Sobe-me a boca uma ânsia análoga à ânsia

Que se escapa à boca de um cardíaco.

É o transcendentalíssimo mistério

É o nous. É o pneuma, é o ego sum qui sum.

É a morte, é esse danado número um

Que matou Cristo e que matou Tibério.

Estudante

Para iludir a minha desgraça estudo

Intimamente sei que não me iludo.

Para onde vou?



– O mundo inteiro nota, “e a nota” –
 Nos meus olhares fúnebres carrego.
 A diferença estúpida de um cego.
 E o ar indolente de um chinês idiota. (professor
 retorna)

Quadro Nº3

(situação de aula, a mestra representa mudamente uma aula, alunos contam piadas)

Estudante Piadas

Cena 4

(2º dia, um mês depois, campanhas como no primeiro dia)

Narrador Senhoras e senhores, desculpem o incômodo, mas peço-vos silêncio para ouvirdes solenemente o 2º dia.

Coro Um mês depois. (entram os professores em fila indiana)

Narrador Olha o 2º dia...

Coro Um mês depois.

Professores De que nos acusam?

Coro De nunca terem culpa.

Narrador Estudantes, vamos apresentar alguns professores caracterizados, esta apresentação que todos nós precisamos e queremos denunciará certos exageros, tornando mais claras certas “coisas”, como o péssimo estado das relações entre estudantes e alguns professores. A maioria dos professores (há exceções) não admite sob hipótese alguma observações em torno de seu comportamento didático, mesmo com os estudantes mais lúcidos os que sofrem direta e conscientemente as conseqüências do mal procedimento didático destes professores. Por outra parte, muito “bom aluno” se esquece simplesmente “deixa prá lá” enrolando como pode o mal ensino, ou suportando, ou por medo ou por preguiça, situações absurdas, e tratamento que nada dignificam nem a ele nem ao professor. criticamos, para que isso se modifique, criticamos para que a compreensão recíproca seja possível,

criticamos para que o estudante reaja lucidamente a essa massificação, criticamos para que professor e estudante trabalhem juntos o seu trabalho e ressaltamos que a nossa crítica é como um diálogo, uma tentativa, talvez a possibilidade de todos tomarem vergonha.

Professores

Atenção, muita atenção
 Vamos todos ensinar
 Vamos dar nossa lição
 Que muito vale estudar
 De preguiça, eficiência, bondade e maldade.

Narrador O professor desleixado.

Coro

Mas como é que é
 Como é que faz
 Um professor desleixado
 De que é capaz.

Professor

Ah!... Cada um estuda como pode.
 Ah!... Cada um ensina como pode.
 Estamos aonde?

Narrador O professor efficientíssimo.

Coro

Mas como é que é
 Como é que faz
 Um professor efficientíssimo
 De que é capaz.

Professor Atenção! Vamos à aula. (senta-se e abre lentamente a caderneta) Nº1, Nº2, Nº3 (os alunos retiram-se, black)

Todos Ausente. (silêncio – caixa – cadeiras vazias).

Narrador O professor bonzinho.

Estudante É um grande homem.

Coro

Mas como é que é
 Como é que faz

Um professor bonzinho
De que é capaz.

2º Coro

No colégio, no colégio tem um anjo
Que se chama, que se chama professor
Dentro dele, dentro dele mora o dez
Que ele dá, sem saber a quem entregou.

Professor

Eu só dou, eu só dou u'a nota dez
Em um mês e repito até o fim
Portanto, eu só dou somente u'a nota
E não sou, e não sou tão bom assim.

Narrador O professor mauzão.

Estudante

Boi. Boi, boi,
Boi da cara preta
Pega o estudante,
Que tem medo de careta.

Coro

Mas como é que é
Como é que faz
Um professor mauzão
De que é capaz.

2º Coro

Quem tem medo do lobo mau
Lobo mau, lobo mau
Quem tem medo do lobo mau
Lobo mau, mau, mau. (enquanto isso, o professor dá uma volta olímpica pelo palco).

Professor

Eu sou o lobo mau, lobo mau, lobo mau
Ensino aos alunos prá poder dar pau
Gosto de exigir, e sem coração
Comigo é na nota e não tem apelação.

Todos Viva a nota!!!

Professor Eu sou um professor mau...

Cena 5 Política
(Sussurros)

Narrador (faz ostensivamente o pelo-sinal).
Pssssiu, vamos falar de política. (badalar de relógio)

Quadro N°1 Enterro Do Grêmio
(necrológio – narrador lendo)

Narrador

Os estudantes, os acomodados, os festivos, conscientes e demais interessados, cumprem o doloroso dever de comunicar a morte do grêmio representativo da classe estudantil, e convidam professores, alunos, funcionários e amigos, para o seu sepultamento que realizar-se-á às horas (tal), neste auditório. Antecipadamente sensibilizados, agradecem a presença. (badalar, quatro elementos quadrandam o palco militarmente, e descem o caixão no centro. logo após, lentamente, entram dois coveiros de túnica roxa).

Narrador De que morreu este defunto?

Todos

Morreu de morte política
A pior das mortes
A pior.

Narrador Mas, de que morreu este defunto?

Todos

Morreu, presentemente, de medo
Com medo de viver a pior das vidas,
A pior. (coveiros 1º e 2º)

1º Coveiro

Essa é uma morte esquisita.
Morte política, conheces?

2º Coveiro

Eu sei todas as ditas
As que remoçam, as que envelhecem
Mas, política? Não conheço essa doença
Talvez seja mal de nascença
Ou que sabe uma morte nova
A morte sempre se renova. (aproximam-se do caixão e observam)



1º Coveiro E não apresentam tuberculose, verminose, síncope, trombose.

2º Coveiro Meningite, hepatite, apendicite.

1º Coveiro

Não tem marcas no corpo.

Não tem raiva no rosto.

É uma morte bem calma.

2º Coveiro

Talvez seja uma morte que só mata a alma.

Colega, doença faz coisa de espantar,

Nos seus requintes de matar

Cada vida tem a sua morte

Que lhe coube, por sorte, ou por azar.

1º Coveiro Que morte esta será?

2º Coveiro

É uma morte subversiva

Dessas mortes que na morte

Está mais do que nunca viva

Colega, trinta anos de serviço

Encoveirar mortes, mortinhas e mortões,

Não é qualquer um que tem

Eu te afirmo duvidando,

Essa morte... Não me cheira bem.

1º Coveiro

O corpo não apodrece

Tem o mau cheiro da vida

Que de desgosto adormece.

2º Coveiro

É O que parece...

É O que parece... (1º coveiro dá um tapa no ombro do 1º carregador)

1º Coveiro Quem era este senhor?

1º Carregador Era O Senhor Grêmio dos Estudantes.

2º Coveiro

De que morreu este senhor?

Foi matado, ou foi por obra de deus?

1º Carregador Mataram.

1º Coveiro (para o 2º coveiro) Agora piorou.

2º Coveiro

Não foi de tiro

Não foi de faca.

1º Coveiro

Nada, nenhum entrou.

Com esta pele, com esta cara

Parece até que jantou! (1º e 2º coveiros pensam)

1º e 2º Coveiros Veneno!!!!

1º Carregador É veneno. (abraçam-se)

2º Coveiro (Pausa. Volta)

Colega, mas o homem não arrouxou

Agora a coisa piorou

Aonde já se viu morto corado

Como está este senhor

1º Coveiro

Quem tem boca vai a Roma

Quem não tem nada soma. (bate de leve no ombro do primeiro carregador).

Que fazia o senhor Grêmio? (estatutos)

1º Carregador Defendia os interesses e os direitos do corpo discente e de cada estudante em particular, nos diversos setores da vida estudantil do grau médio.

2º Carregador Auxiliava a formação física, moral e intelectual dos estudantes, cooperando na formação dos jovens para desempenharem um papel que lhes cabe na vida administrativa do país.

3º Carregador Promovia a união da classe, fortalecendo o espírito de solidariedade humana, desenvolvendo nos estudantes os sadios hábitos de cooperação e disciplina, de iniciativa e liderança.

4º Carregador Colaborava com a direção do estabelecimento, ou com os poderes legalmente constituídos, em todas as iniciativas que pretendessem a melhoria das condições de ensino em parti-

cular ou no enriquecimento das oportunidades de educação em geral.

1º Carregador Assim dizia os seus estatutos, mas como cumpri-los?

2º Carregador Se nós permitimos a sua morte.

1º Coveiro

Obrigado (retiram as túnicas roxas)
Agora sei.

1º e 2º Coveiros Agora Sabemos que este senhor não morreu. Que morreu sim a nossa luta.

1º Coveiro A sua morte é a nossa omissão.

2º Coveiro A sua vida é a nossa consciência.

1º Coveiro A sua morte é a nossa ausência.

2º Coveiro A sua vida é a nossa mão.

Todos

A nossa mão
Que coveiros e estudantes
É tudo a mesma coisa
Porque se há alguéns, e há
Que decretaram a sua morte
Há aqueles (nós) que a cumprimos
Mas a sua vida é a nossa mão
Que uma forte e decidida (dão-se as mãos)
Dará a sua morte, vida
Dará a sua vida ação.
Que o defunto grêmio reapareça
Que não tema nem obedeça
Que saia da sua morte (apanham uma faixa escrita “grêmio” de dentro do caixão)
Que seja sempre forte
Para nós, por nós estudantes.

Quadro 2 Política

(líder parado, sorrindo fixamente entre cumprimentos festivos).

Narrador

Este é o líder popular
Simpático querido

Que lidera no falar
Risonho decidido.
Toda sala tem o seu
Líder particular
Amigo de todo mundo
Amigo do “que é que há?”
É amigo do professor
Ajuda com atenção
É tão grande o seu amor
Que não cabe no coração.

1º Estudante

Deixe de palavreado
De tanto dizer à toa
Nesse rimar educado
Que da verdade destoa.

Narrador Mas, quem é você?

1º Estudante

Eu sou é um cansado
De ver uma coisa assim
De ver tanto homem atado
A conversar tão ruim
Este homem se promove (aponta o líder)
Que só vendo o seu melado
Ele dança de uma vez
Samba, forró e bailado.
Afasta prá lá companheiro
Desses líderes interessados
Que só abrem a boca
Prá nos postos tá sentado.
Até antes da eleição
Só falavam em uns direitos
Que esquecem de coração
Logo depois de eleitos.
Cuidado, muito cuidado (para a platéia)
Cuidado com esses funcionários
Podem sentar a teu lado
E guardar até respeito,
Mas do fundo de suas almas
Só têm gana e ambição
De ouvirem as tuas palmas
Todas de boa intenção (batendo palmas).

2º Estudante

Com licença
Este homem fala errado



Mande parar por favor
 Fala como um condenado
 Esmagando uma flor.
 Este líder é inteligente
 Prestativo coerente
 Este líder é meu amigo
 Sem inimigo
 Este líder é meu amigo
 Teu amigo sem inimigo
 Este líder, minha gente
 Vai dar um ótimo doutor
 Deputado senador
 Pode até ser presidente!

1º Estudante

Com respeito à assistência (mostra o público)
 Fale ao menos uma decência.

2º Estudante

É o que eu falo somente
 Falando desta gente (mostra o líder).

1º Estudante

Vocês acham?
 Pois eu não.
 Atrás disso há de ter
 Muita coisa minha gente
 Que bem pode ser você
 Ser você por acidente.
 Mas, na sua consciência
 Duas coisas você ponha:
 Um pouco de inteligência
 E muita, mas muita vergonha. (o líder vai ao
 proscênio e, sorridente, acena para a platéia, en-
 quanto o 1º elemento apupa e o 2º bate palmas).

(cúpula – em black – estudantes carregando ve-
 las acesas dirigem-se alternadamente para um can-
 to do palco).

Cúpula

Nós, a cúpula, decidimos
 Que cada um deve cumprir
 Deve pensar, deve sentir
 Aquilo que sentimos
 Porque somos a razão
 E como nós representamos a todos
 Para todos decidimos

A nossa decisão.

1º Estudante

Sozinho comigo eu espero
 Ou talvez já nem espere
 O que quiserem eu quero
 Eu sou aquele que adere
 Tudo em mim é a sua ordem
 Seja sim ou seja não
 Pensem por mim, por favor
 Façam a minha decisão.

2º Estudante

Concordar é uma coisa
 Isso é bom até dizer
 Porque traz a união
 Ao que se deve fazer,
 Mas concordar é uma coisa
 A outra é obedecer.
 Quem obedece por medo
 Ou mesmo por não saber
 O que é errado ou verdadeiro
 É cachorro de algum homem
 É burro de algum tropeiro
 Serviçal desses que tem
 Mais poder ou mais dinheiro.

1º Estudante

Obedecer é mais fácil
 Do que saber e pensar
 “eles” podem decidir
 Não tenho tempo prá isso.

2º Estudante

Discordo, meu caro amigo
 Do que acabas de afirmar
 “Política não é comigo
 Que eu quero estudar”
 Discordo de quem não sabe
 Do que mesmo vem a ser
 Política e estudar
 E vive assim sem saber.
 A política é o estudo
 do que somos agora
 Do que deixamos de ser
 Do que hoje não temos
 E que amanhã pode ter
 O que você confiante

Pensando só na aulinha
Dá ao líder inconsciente
Dá à cúpula sabidinha
E que mesmo a sua aulinha
É deficiente e ruim
E que você sem política
sempre terá aula assim
Agora vou subir
Por pura delicadeza
Para a cúpula desfingir
E dar maior certeza
Iluminar este palco
Prá ver de perto o rosto
O de dentro que eles têm. (ilumina-se o palco in-
tensamente; a cúpula usa o seu rosto horripilante)

Coro

Iluminar este palco
E a alma deles também
Prá ver de perto o rosto
O de dentro que eles têm.

2º Estudante

Estes homens conjurados
Desenham os nossos destinos
Com seus sussurros apagados
Estes homens eliminam
A nossa vontade querer
Nas decisões que assinam
Estes homens descobertos
Na política do colégio
são assim quando abertos.

Coro

Iluminar este palco
E a alma deles também
Prá ver de perto o rosto
O de dentro que eles têm.

1º Estudante (no palco)

A minha opinião
Quase todo mundo tem
De não ligar prá política
E outras coisas também (aponta a cúpula)
Deixava o mau ensino
No meu calmo ignorar
Que política é o estudo
Que melhora o ensinar

Uma coisa reconheça
Eu me deixei enganar
Inocente da verdade
Pelo falso liderar
Concordei porque ninguém
Disso pode discordar
Mas, o conchavo simpático
Qualquer um pode enganar
E se não tem uma solução
Que possa satisfazer
Falou tudo de bonito
Falou tudo por dizer
Se eles não servem não
Quem é que pode servir
Tenho cá minhas incertezas
Apesar do que ouvi (para o público)
Se isso tudo está errado
Que é que pode servir?

2º Estudante

Eu só sei até aí
Só até aí eu sei
Só mostrei o que não pode
Pois o que pode eu não sei.
Líder eu!

1º e 2º Estudantes Quem é você?

Líder

Eu sou aquele que é
E que sozinho não é nenhum
Sou aquele que puder
Ser todos em cada um.

1º Estudante O governo?

2º Estudante Ou a oposição?

1º Estudante Pode ser até meu pai.

2º Estudante Ou quem sabe meu irmão.

Líder

Atendendo a seu pedido
E resolvendo a questão
Enceno o papel do líder
No jogral da solução (sobe ao palco)
Culpando muito o tempo



Assim se desculpam os culpados
Que passam por conscientes
Pelo tempo acomodados,
Mas o líder não tem tempo
De ser consciente... Ou não.
O líder é aquele que pensa
No inverno e no verão.

(jogral da solução)

Todos

Este é um tempo em que as flores
São órgãos reprodutores
Tempo onde o segredo grita em cada silêncio.

1º Homem Como nos enganam.

2º Homem Como nos censuram.

3º Homem Como nos impossibilitam.

Todos

E não passamos de gritos calados.

1º Homem Mas quem nos engana são homens.

2º Homem Mas quem nos censura são homens.

3º Homem Mas quem nos impossibilita são homens.

Todos

O tempo Tem No Máximo Dois Metros De Altura,

E Talvez Nunca Tenha Lido José De Alencar

1º Homem (caracterizando)

Neste tempo viver
Só significa para os mortos.

Todos

Mas ajoelhados diante de Jeová alguns bebiam exatos cantis

Apreciando a beleza melindrosa da tua consciência.

Que tempo é maior que a consciência?

Líder

Eu também sei de tudo
O que o tempo nos traz
Mas o mal não é o tempo
É o homem quem faz
O tempo está certo
Que não tem culpa de nada
Afim em tanto tempo
Onde esta a consciência?

Todos Onde está a consciência?

Líder Se você se preocupa com o estudante em qualquer tempo, muito obrigado. (black)
(canção dos medos)

Coro

Considerar, considerar, medos e medos, medos e medos, medos e medos. Considerar, considerar, medos e medos, medos, medos e medos. Considerando que o reconhecimento da dignidade inerente a todos os membros da família humana, e dos seus direitos inalienáveis e iguais, constitui o fundamento da liberdade, da justiça e da paz, no mundo, a Assembleia Geral proclama: Artigo 18º – Toda pessoa tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião. Artigo 19º – Todo indivíduo tem direito à liberdade de opinião e expressão. Artigo 26º – A educação deve visar o pleno desenvolvimento dos direitos do homem e das liberdades fundamentais. Deve favorecer a compreensão, a tolerância e a amizade de todas as nações e todos os grupos raciais e religiosos, assim como o desenvolvimento da personalidade e ao reforço do respeito aos direitos do homem e às liberdades fundamentais.

Coro

Considerar, Considerar, Medos E Medos, Medos E Medos (Bis)

Todos

Medo temos
Muito medo, medo temos
De falar medo temos
Muito medo, medo temos
De falar (pensar, estudar e rezar)
Somos todos menininhos
Nem sabemos nem falar
Somos todos menininhos

Nem sabemos nem falar (bis) (todos os direitos)

Medo, muito medo

Medo temos até de cantar (bis)

Medo temos, medo temos

Medo temos de até cantar (bis).

